

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE PARINTINS LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ROSELYN DE JESUS BARBOSA

**A CRIANÇA SÍNDROME DE DOWN: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DAS
ATIVIDADES HÍBRIDAS EM TEMPO DE PANDEMIA.**

Parintins - Am
2021

ROSELYN DE JESUS BARBOSA

**A CRIANÇA SÍNDROME DE DOWN: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DAS
ATIVIDADES HÍBRIDAS EM TEMPO DE PANDEMIA.**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção final do título de Graduação, pelo curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Orientadora: Prof.^a MSC. Francisca Keila de Freitas Amoedo

Parintins - AM

2021

ROSELYN DE JESUS BARBOSA

**A CRIANÇA SÍNDROME DE DOWN: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DAS
ATIVIDADES HÍBRIDAS EM TEMPO DE PANDEMIA.**

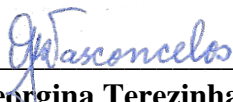
Monografia apresentada como requisito para a
obtenção final do título de Graduação, pelo curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade do
Estado do Amazonas – UEA.

Aprovado em: 21 de julho de 2021

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a MSC. Francisca Keila de Freitas Amoedo
Universidade do Estado do Amazonas



Prof.^a Dra. Georgina Terezinha de Brito Vasconcelos
Universidade do Estado do Amazonas



Prof.^a MSC. Gyane Karol Santana Leal
Universidade do Estado do Amazonas

Dedico este trabalho aos meus pais José Carlos Fonseca Barbosa e Maria Raimunda de Jesus Barbosa por todo amor, cuidado e dedicação para que eu pudesse realizar este tão almejado sonho; a meus filhos Samuel e Vítor que são razão da minha vida e os motivos pelo quais nunca desistir, aos meus irmãos Regiane, Rodrigo e Karla que ao longo dessa jornada me deram suporte e apoio, se dedicando e me compreendendo. A minha família pelo amor, carinho e força que me ofereceram, dedico a eles essa conquista com gratidão.

A TODOS DEDICO!

A Deus em primeiro lugar agradeço pela conclusão dessa etapa tão importante em minha vida e transbordando de gratidão venho lembrar e agradecer as pessoas que contribuíram para que o objetivo final fosse alcançado.

Aos meus pais pela dedicação e amor para que eu chegasse até aqui. Obrigada por acreditarem em mim, por estarem sempre ao meu lado. Agradeço pelo apoio e incentivo para nunca deixar o desânimo me dominar! Amo vocês!

Aos meus filhos Samuel e Vítor, meus amores e a razão das minhas lutas, agradeço pelo momento de compreensão e companheirismo devido minhas ausências, por muitas vezes necessárias! SE não fosse por vocês eu não teria concluído.

Aos meus irmãos, que deram todo apoio necessário, que não mediram esforços e contribuíram de maneira significativa nessa caminhada.

Aos colegas do curso de Pedagogia do CESP-UEA, que compartilharam comigo os reveses da vida acadêmica. Em especial à Antônio Lucas Batalha, Caroline Canuto, Gilmara Sancha, Ivaney Paixão, Luane Gaia, Lorena Marques. Pessoas muito especiais que se tornaram grandes amigos!

A minha orientadora professora Mestra Francisca Keila de Freitas Amoedo, por toda paciência e dedicação durante as orientações desta pesquisa. Por me incentivar e me acalmar nos momentos em que pensei que não conseguiria, minha sincera gratidão!

Aos queridos e competentes professores do Colegiado de Pedagogia que compartilharam seus conhecimentos durante a graduação: Ágdo Régis, Ângela Figueiredo, Eliseu Souza, Francisca Keila Amoedo, Georgina Vasconcelos, Gyane Karol Leal, Gracy Kelly Dutra, Marlon Jorge Azevedo, Ruth Cristina Gomes, Simone Silva e ao saudoso professor Renner Dutra. Cada um com suas singularidades nos deram suporte contribuindo na nossa formação e desenvolvimento profissional. Meu muito obrigada!

Aos colaboradores administrativos desde os serviços gerais, seguranças, prestadores de serviços do restaurante universitário que me tratavam com respeito e cordialidade, os responsáveis pela secretaria especialmente a Edilene pela empatia e profissionalismo conosco na resolução das burocracias necessárias. Obrigada!

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente com a construção dessa pesquisa. Meus sinceros e eternos agradecimentos!

*“O sucesso nasce no querer, na determinação
e persistência em se chegar a um objetivo.
Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e
vence os obstáculos, no mínimo, fará coisas
admiráveis. “José de Alencar”*

RESUMO

A temática apresentada teve como objetivo analisar como ocorre o desenvolvimento escolar da criança Síndrome de Down por meio do Ensino Híbrido em tempo de pandemia em uma escola de Educação infantil da rede particular de Ensino do município de Parintins. Tal temática abordou o processo educacional em tempo de pandemia na modalidade híbrida considerando os protocolos de segurança que precisam ser mantidos por conta da COVID-19. Como aporte teórico da pesquisa nos embasamos em: Voivodic (2008), Brunoni (1999), Mazzota, (2003), Brasil (2006), breve conceito Áries (1981). Destacamos que os autores foram mapeados a partir da temática e seus tópicos para que pudéssemos ter a maior clareza quanto a questões que envolvessem a temática. Sobre as questões metodológicas o trabalho parte de uma pesquisa qualitativa com método de abordagem fenomenológico, método que propõe estabelecer uma base segura, liberta de preposições, para todas as ciências. Os resultados apresentados seguem de acordo com o estudo de caso que envolveu, escola, família, criança com Síndrome de Down e Ensino Híbrido, considerando toda a situação de pandemia. Concluimos a importância da pesquisa considerando a especificidades e riqueza que obtivemos durante a realização da tessitura, o que nos levou a um olhar reflexivo sobre a evolução com a qual o processo educacional e suas nuances cresceu com intuito de atender as todos sem diferença.

Palavras-chave: Escola. Educação Infantil. Criança. Síndrome de Down. Ensino Híbrido.

ABSTRACT

The theme presented had as objective to analyze how the school development of the Down Syndrome child occurs through the Hybrid Teaching in a time of pandemic in an early childhood education school of the private teaching network in the city of Parintins. This theme addressed the educational process in a time of pandemic in the hybrid modality considering the safety protocols that need to be maintained by COVID-19. As a theoretical contribution to the research, we are based on: Voivodic (2008), Brunoni (1999), Mazzota, (2003), Brazil (2006), brief concept Aries (1981). We emphasize that the authors were mapped from the theme and its topics so that we could have the greatest clarity regarding issues involving the theme. On methodological issues, the work starts from a qualitative research with a phenomenological approach method, a method that proposes to establish a secure base, free from prepositions, for all sciences. The results presented follow in accordance with the case study that involved, school, family, child with Down Syndrome and Hybrid Education, considering the whole pandemic situation. We conclude the importance of the research considering the specificities and richness that we obtained during the fabrication, which led us to a reflective look at the evolution with which the educational process and its nuances grew in order to serve everyone without difference.

Keywords: School. Child education. Kid. Down's syndrome. Hybrid Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Cariótipo da síndrome de Down	14
Figura 2: Centro de Educação Ilha do Saber no Município de Parintins	26
Figura 3: Pescaria das Sílabas	33
Figura 4: Sequência numérica	33
Figura 5: Em casa na época da paralisação	34
Figura 6: Realizando as atividades em casa	34
Figura 7: Professora e aluno durante as aulas	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Comum Curricular
SD	Síndrome de Down
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
1.1 O que é a Síndrome de Down?.....	14
1.2 Educação Especial no Brasil.....	17
1.3 Educação Infantil e Inclusão: Breve conceito.....	18
1.4 1919	
1.5 Ensino Híbrido e as novas possibilidades educacionais.....	21
1.6 A criança Síndrome de Down na Educação Infantil: aspectos culturais e sociais....	22
1.7 O Papel do Professor na Socialização da Criança Síndrome de Down na Educação Infantil Através de Atividades Híbridas	23
CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO	24
2.1. Natureza, Método e sujeito e sujeito da pesquisa	25
2.2. Contexto e lócus da pesquisa	28
2.3. Sujeito da pesquisa	28
CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	29
3.1. Repostas Obtidas a Partir das Entrevistas com os pais do aluno	30
3.2. A visão dos Pais no Processo de Inclusão do Filho em uma Escola Regular de Ensino	30
3.3. A criança Síndrome de Down e a escola em Tempo de Pandemia	33
3.4. 3535	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICES.....	44
APÊNDICE “A”.....	45
APÊNDICE “B”.....	47
APÊNDICE “C”.....	48
APÊNDICE “D”.....	50

INTRODUÇÃO

A infância é sem dúvida a fase mais importante na vida de uma criança, seu desenvolvimento pleno como um ser social, dependerá do contexto em que ela está inserida, este influenciará de maneira positiva ou negativa no percurso de seu desenvolvimento integral na primeira infância.

É neste contexto que a pesquisa surgiu como inquietação trazendo a problemática que nos levou a perguntar como ocorreu o desenvolvimento da criança Síndrome de Down por meio do Ensino Híbrido em tempo de pandemia em uma Escola de Educação Infantil da rede particular de Ensino do município de Parintins?

Diante dessa inquietação, traçamos o objetivo geral com intuito de analisar como ocorreu o desenvolvimento da criança síndrome de Down por meio do ensino proposto em tempo de pandemia em uma Escola de Educação Infantil da rede particular de Ensino do município de Parintins.

No que concerne aos objetivos específicos iniciamos por : 1) Buscar junto as literaturas, pesquisas referentes ao desenvolvimento da criança síndrome de Down por meio do ensino híbrido em tempo de pandemia; após essa busca e fichamentos das leituras: 2) Averiguar quais tipos de atividades são mais eficazes para o desenvolvimento motor e cognitivo da criança síndrome de Down no cenário adverso; e por último: 3) Verificar como é o desenvolvimento social, escolar e familiar da criança síndrome de Down diante deste novo ensino em tempo pandêmico.

No período do estágio supervisionado realizado na Educação Infantil em uma escola da rede privada do Município de Parintins, durante as atividades escolares uma criança com Síndrome de Down chamou atenção pelo desenvolvimento comunicativo com os colegas e professores especialmente por se a única na escola.

Partindo desse olhar sobre a criança tivemos a disciplina Educação Especial, a qual concretizou a vontade de pesquisar sobre o desenvolvimento da criança síndrome de Down na educação infantil, em tempo de pandemia.

Assim pensamos em realizar a pesquisa por acreditarmos na valorosa importância que a mesma proporcionará no âmbito educacional, social e familiar, pois entendemos que para ocorrer o desenvolvimento eficaz é necessário que todos estejam envolvidos, Educação pública ou privada, famílias e a sociedade de modo geral.

Entendemos assim que escola atua como uma indispensável ferramenta de inserção ou inclusão dos alunos que geralmente iniciam seu percurso escolar bem cedo, na Educação Infantil. Acredita-se ainda que a entrada da criança Síndrome de Down ou outras deficiências, distúrbios e transtornos que estão sendo incluídos na de Educação Infantil regular seja ela pública ou privada costuma trazer resultados muito positivos, sobretudo, se a instituição está preparada para promover a inclusão.

O trabalho encontra-se estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo trouxemos teóricos que nos dão embasamento sobre a Síndrome de Down Voivodic (2008), Brunoni (1999), Silva (2002), Brasil (1998), Martinho (2011); A Educação Especial no Brasil, Mazzota, (2003), Brasil (2006); Educação Infantil e Inclusão: Breve conceito Áries (1981), Brasil (2010), Prieto (2006), Mendes (2002); A Educação Infantil em época de pandemia Ferreira (2004); A criança Síndrome de Down na Educação Infantil: aspectos culturais e sociais, Góes (2002), Vigotski (2001); O papel do professor na socialização da criança Síndrome de Down na Educação Infantil através de atividades híbridas

No segundo capítulo abordaremos a metodologia, os caminhos percorridos pela investigação e para a execução deste trabalho, bem como os suportes teóricos e metodológicos que nos embasam. Para enriquecer nossa pesquisa nos apropriamos nos estudos de Chizzotti (2010), Fazenda (2010), Moreira (2000), Michel (2009), Gadotti (1994).

No terceiro capítulo analisamos questões levantadas durante a pesquisa: literaturas e pesquisas referentes a criança Síndrome de Down por meio do Ensino Híbrido em tempo de pandemia; quais tipos de atividades são mais eficazes para o desenvolvimento motor e cognitivo da criança neste processo; como é o desenvolvimento, escolar, social e familiar da criança Síndrome de Down diante da nova modalidade de ensino. Nos embasamos em Barbosa (2006), Bacich (2015), Libâneo (2001), Kishimoto (2008), Schwartzman (2003) dentre outros que fazem parte desta pesquisa

Desta maneira esperamos que a análise contribua para o enriquecimento deste projeto que objetiva alcançar resultados que possibilitem a reflexão de professores, monitores, acadêmicos da área de Educação, pais e comunidade em geral acerca de como ocorre o desenvolvimento escolar da criança Síndrome de Down por meio da modalidade de Ensino Híbrido em tempo de pandemia em uma Escola particular sob a ótica do educando buscando respostas satisfatórias para as inquietações.

CAPITULO I: CONHECENDO A SINDROME DE DOWN

1.1 O que é a Síndrome de Down?

A Síndrome de Down é descrita por Brunoni (1999) como uma cromossomopatia, ou seja, uma síndrome cujo quadro clínico global deve ser explicado por um desequilíbrio na constituição cromossômica, no caso a presença de um cromossomo a mais no par 21, caracterizando assim uma trissomia 21. O termo trissomia refere-se a presença de um cromossomo a mais no cariótipo de uma pessoa, fazendo com que o número total de cromossomo na pessoa Síndrome de Down seja 47 e não 46.

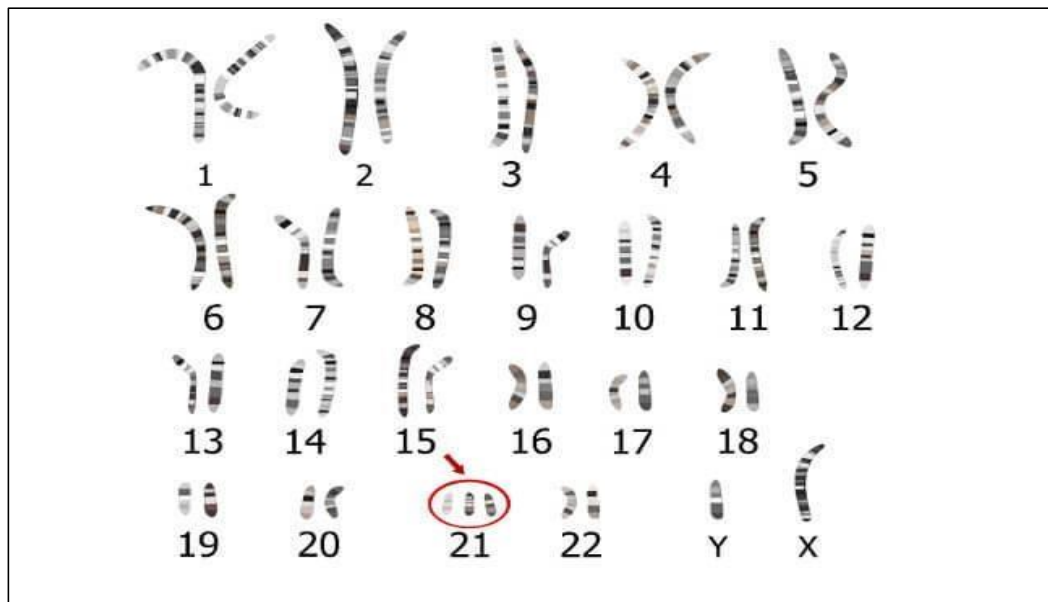


Figura 1: Cariótipo da síndrome de Down

Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/doencas/sindrome-de-down.htm>

Existe três tipos de comprometimento cromossômicos: Trissomia simples, translocação e mosaïcismo. De acordo com Voivodic 2008:

Trissomia simples ocorre a não disjunção do cromossomo 21; percebe-se claramente a trissomia, ou seja, o 3º cromossomo extra ao par 21, causando a síndrome. Sua incidência é mais comum, ocorrendo mais ou menos em 96% dos casos, sendo suas causas discutíveis, já que seus pais tem cariótipo normal, e a trissomia se dá por acidente. Trissomia por translocação: o cromossomo adicional está sobreposto a um cromossomo de outro par, portanto não se trata de uma trissomia livre. A translocação se dá quando um cromossomo do par 21 e o outro, ao qual se agrupou, sofrem uma quebra na sua região central. A uma união entre os dois braços mais longos e perda dos dois braços curtos. Não se notam diferenças clínicas entre crianças com trissomia simples ou por translocação, e ocorre em 2% dos casos. Mosaïcismo: Presença de um percentual de células normais (46 cromossomos) e outro percentual com células trissômicas (47 cromossomos). Ocorre em cerca de 2% dos casos. A causa desta “falha” é, até o momento, desconhecida, mas sabe-se, no entanto,

que é pequena a probabilidade de reincidência numa mesma família (VOIVODIC, 2008. P.40).

Esta síndrome foi a primeira a ser associada erroneamente a uma aberração cromossômica, sendo a principal causa genética de deficiência mental. Recebeu este nome em homenagem ao médico inglês John Langdon Down, que havia descrito um grupo distinto de portadores de um comprometimento intelectual, registrando o fato ao caracterizar detalhes fenotípicos clássicos de uma então considerada doença Mongólica, como veio a ser conhecida a Síndrome de Down.

É importante salientar que a síndrome de Down não é uma doença, mas uma síndrome, ou seja, um conjunto de sinais e sintomas. Como a síndrome de Down não é uma doença, não podemos falar sobre cura e nem mesmo sobre tratamento.

A pessoa com Síndrome de Down apresenta características físicas marcantes tais como: baixa estatura, olhos puxados; olhos amendoados; sobrancelhas unidas; face achatada; orelhas pequenas e com implantação baixa; excesso de pele no pescoço; pescoço largo e grosso; mãos gordas e pequenas; dedos curtos; prega única na palma das mãos; cabelos finos e lisos; boca pequena; céu da boca mais encurvado; língua projetada para fora da boca.

Além das características físicas, as pessoas com Síndrome de Down estão mais propensas ao desenvolvimento de alguns problemas de saúde, listamos: Atraso no desenvolvimento da criança; Cardiopatia congênita (anormalidade que ocorre na estrutura ou na função do coração); Hipotonia (diminuição do tônus muscular); Problemas auditivos; Problemas de visão; Problemas de coluna; Distúrbios na glândula tireoide; Problemas neurológicos; Obesidade; Envelhecimento precoce entre outros.

É relevante ressaltar que a pessoa Síndrome de Down apresentam algumas limitações. Assim, é fundamental que logo na infância esses indivíduos sejam estimulados de modo a vencerem essas limitações e para que seja possível descobrirem suas potencialidades.

O desenvolvimento do indivíduo Síndrome de Down pode ser ainda maior caso ocorra o acompanhamento de alguns profissionais. Dentre os profissionais que podem ajudar nesse processo, destacam-se os fisioterapeutas, que podem ajudar no desenvolvimento motor; fonoaudiólogos, que podem ajudar na articulação dos sons e no fortalecimento da musculatura da face e boca; e terapeutas ocupacionais, que podem atuar na estimulação das habilidades motoras finas e intelectuais.

Os autores analisam que alguns fatores podem modificar a incidência da Síndrome de Down e podem ser classificados em ambientais ou exógenos e endógenos, o mais importante é indiscutivelmente a idade materna. Algumas mulheres mais velhas apresentam riscos maiores

de terem filhos trissômicos, possivelmente devido ao fato do envelhecimento dos óvulos. O mesmo não acontece com os espermatozoides e por esta razão é que não há uma relação direta entre a Síndrome de Down e a crescente idade paterna. Entre os fatores ambientais está a importância de se fazer o pré-natal e todo o acompanhamento clínico.

É importante destacar algumas particularidades da criança Síndrome de Down que pode ter dificuldade para fixar o olhar devido a lentidão e a hipotonia muscular. As dificuldades auditivas podem levar a criança a não ouvir e a preferir meios de comunicação visuais e concretos. Os problemas de memória auditiva podem interferir no tratamento sequencial da informação.

Devido a particularidades morfológicas os indivíduos com Síndrome de Down podem apresentar problemas de motricidade, relacionados como aspectos de anatomia da mão (dedos curtos, implantação baixa do polegar), hipotonia muscular e lassidão dos ligamentos que afetam a força e a forma como manuseiam objetos (MARTINHO, 2011).

Essas particularidades apresentadas são observadas com mais evidência a partir do momento em que as crianças são inseridas em um ambiente escolar, especificamente na Educação infantil, percebe-se a mudança em sua rotina suas habilidades cognitivas vão se ampliando, as dificuldades também, pois a criança Síndrome de Down têm suas limitações.

De acordo com Voivodic (2007), os sujeitos com Síndrome de Down têm característica principal a deficiência intelectual, o que segundo a autora demonstra complexidade e a importância de sua educação, mas não quer dizer que seu processo educativo seja impossível.

O indivíduo quando bem estimulado desde a infância tende a se desenvolver de maneira relativamente normal. Segundo Vigotski (2001, p.284) “o indivíduo não deve ser entendido como forma acabada, mas como uma permanente e fluente forma dinâmica de interação entre o organismo e o meio”.

Assim a Educação Infantil acaba tornando-se o ambiente formal de educação, socialização e vivência de crianças que passam muitas vezes, a maior parte do tempo na instituição escolar e não mais com seus familiares. A instituição de Educação Infantil é um dos espaços de inserção das crianças nas relações éticas e morais que permeiam a sociedade no qual são inseridas. (BRASIL, 1998).

1.2 Educação Especial no Brasil

A Educação Especial no Brasil merece uma observação relevante desde o início de sua trajetória inspirada em experiências bem sucedidas na Europa e Estados Unidos alguns brasileiros trouxeram para cá já no início do século XIX a organização de atendimentos para os

cegos, surdos, deficientes mentais e deficientes físicos. Durante muito tempo essas ações foram consideradas iniciativas particulares e isoladas refletindo o interesse de alguns educadores pelo atendimento aos portadores de deficiência.

Segundo Mazzota (2011), a inclusão da “educação dos deficientes”, da “educação dos excepcionais” ou da “educação especial” vem ocorrer lá no final dos anos 1950 e início da década de 1960 do século XX. Nesse estudo são destacados dois períodos significativos para a evolução da Educação Especial no Brasil; O primeiro foi de 1854 à 1956 com iniciativas oficiais particulares isoladas entre elas a criação do Instituto dos Meninos cegos criado por Dom Pedro II através de um decreto Imperial n.1428; O segundo foi de 1957 à 1993 com as iniciativas oficiais de âmbito nacional, neste período o atendimento educacional aos excepcionais foi explicitamente assumido a nível nacional, pelo governo federal com a criação de campanhas especificamente direcionadas a este fim.

Com o avanço das normas e legislações envolvendo a Educação Especial nos sistemas de Ensino público e particular passou a ser entendida como parte integrante da Educação visando ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades do “educando com necessidades especiais”. Nesse contexto aparece a expressão “educando com necessidades especiais” em substituição à expressão “aluno excepcional” a partir daí essa maneira de se referir a eles foi abolida (MAZZOTA, 2011, P.80).

Na Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96, ressalva em seu capítulo V sobre a Educação Especial, onde regulamenta a Educação escolar conforme seus artigos:

Art. 58. Entende-se por Educação Especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

Art. 60. Os órgãos normativos do sistema de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público.

Parágrafo único O Poder Público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo. (BRASIL, 2006, p.330)

A Lei é clara, contudo ainda vemos que ela não é cumprida, de acordo com que é estabelecido em seus artigos acima citados. Em 1994, a declaração de Salamanca na Espanha declarou que as escolas regulares com orientação inclusiva constituem com meios mais eficazes de combate a atitudes discriminatórias onde alunos com necessidades especiais devem ter acesso à escola regular tendo como princípio orientada que as escolas deveriam acomodar todas

as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais emocionais, linguísticas ou outras (BRASIL, 2006, p.330)

1.3 Educação Infantil e Inclusão: Breve conceito

Falar em Educação Infantil é falar também na criança como sujeito que emerge da obscuridade, já que como destaca Ariés (1981), até por volta do século XIV a ideia de infância não existia. Logo, de acordo com o autor, parece que a ideia de uma educação para infância também era inexistente. O entendimento e ressignificação da criança como sujeito social e histórico têm contribuído para que a educação infantil assuma, no contexto brasileiro, o status de primeira etapa da educação básica (BRASIL, 1996; 2010).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação infantil – DCNEI (BRASIL, 2010), em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº. 9.394/96, definem a Educação Infantil como sendo,

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial [...].

A Escola é primeira instituição onde a criança tem esse contato inicial com outras crianças possibilitando a interação entre elas, necessitando de cuidados e mediação para que o processo de aprendizado e socialização aconteça, principalmente quando a criança Síndrome de Down passa a fazer parte desse contexto.

No que pese à educação inclusiva, o processo de visibilização das pessoas com deficiência e sua chegada às escolas comuns não tem sido um processo fácil. Durante muito tempo tais sujeitos viveram o que chamaram de integração, nesse processo não há uma mudança na escola, e conseqüentemente no ensino (MENDES 2002, p.64).

Atualmente esse processo vêm se desenvolvendo com mais viabilidade e ganhando força no contexto brasileiro e mundial a ideia de que as pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação que compõem o público alvo da educação especial, precisam estar na escola comum recebendo um ensino que não os distanciem desse contexto, onde possam participar da vida comum em todas as possibilidades. Tal processo tem sido caracterizado pela inclusão. De

acordo com Prieto (2006, p.40)

[...] o objetivo na inclusão escolar é tornar reconhecida e valorizada a diversidade como condição humana favorecedora da aprendizagem. [...] a ênfase deve recair sobre a identificação de suas possibilidades, culminando com a construção de alternativas para garantir condições favoráveis à sua autonomia escolar e social, enfim, para que se tornem cidadãos de iguais direitos. [...] A educação inclusiva tem sido caracterizada como um 'novo paradigma', que se constitui pelo apreço à diversidade como condição a ser valorizada, pois é benéfica à escolarização de todas as pessoas, pelo respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem e pela proposição de outras práticas pedagógicas, o que exige ruptura com o instituído na sociedade e, conseqüentemente, nos sistemas de ensino.

Diante disto, quando se pensa em inclusão no campo educacional, precisa-se ter como prioridade os sujeitos que vamos trabalhar na sala de atividades, buscando alternativas sobre como podemos garantir a eles, uma educação que lhes permita aprender e se desenvolver socialmente.

A partir dessas ideias, pode-se salientar que a educação especial numa perspectiva inclusiva em associação à educação infantil, é um modo de reconhecer que todos os sujeitos, independentemente da idade ou condição biológica, são capazes de aprender, produzir, reproduzir e deixar suas marcas culturais.

1.4 A Educação Infantil em época de pandemia

A interação entre os sujeitos se faz necessária quando falamos em socialização, especialmente nas series iniciais como é na Educação Infantil, que necessita de mediação dos professores e o trabalho fica mais significativo para os pequenos, sem esse processo o desenvolvimento cognitivo e social das crianças fica comprometido e acontece de maneira lenta e demorada. Vale ressaltar que a rotina escolar possibilita ao educando expandir conhecimentos, adequar-se à realidade da escola, além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo da criança, auxiliando no processo comportamental dos pequenos (BARBOSA 2006).

Durante este período em que as aulas foram interrompidas de maneira abrupta por conta da pandemia que assola o mundo, as escolas, os professores, pais e todos profissionais deste segmento tiveram que ressignificar suas metodologias e direcionar suas ações para que os alunos pudessem continuar seus estudos através das aulas remotas sem muitos prejuízos.

As atividades presenciais foram suspensas devido à gravidade desta doença caracterizada pela semelhança a de uma gripe porém, mortal e por este motivo a necessidade de uso de máscaras e distanciamento social se fazia necessário. Logo as escolas pararam suas atividades, a princípio seria uma paralisação estratégica até que se conseguisse controlar a doença, mas não foi bem assim que aconteceu, pois a enfermidade se espalhou como rastro de pólvora, o governo se desestruturou, o desespero tomou conta dando lugar a insegurança onde

o medo e pânico se instalaram e a população brasileira tentou se proteger como pôde através do isolamento físico.

Depois de um breve intervalo até que reorganizassem os estudos, as escolas tiveram que se reinventar e as aulas presenciais passaram para um formato remoto. Os profissionais da educação mergulharam no mundo das tecnologias nem sempre fácil para alguns e para outros uma realidade complicada, principalmente quando não dominam essas novas tecnologias ou quando não tem internet de boa qualidade, que é o caso do município de Parintins onde a conectividade é estável, esses desafios transformaram-se em realidade.

Do momento em que as atividades nas escola foram paralisadas em meados de março de 2020 até abril de 2021 se passaram mais de um ano sem as aulas a presenciais e neste meio tempo os professores iniciaram as aulas remotas através de grupos de whatsapp e os pais foram chamados ainda mais a reponsabilidade em assumir a posição de mediador e professor de seus filhos.

A tarefa de assumir um papel de professor trouxe um enorme desconforto a alguns pais que se queixavam de não ter uma maneira eficiente para repassar conhecimentos aos filhos ou até mesmo por não se identificar com a área de educação. Entende-se que cada educador tem sua didática e metodologia, portanto ficou evidente os desafios de repassar as atividades.

A pandemia do Coronavírus acelerou a inserção da tecnologia com mais força no dia a dia escolar. Por conta do cenário restritivo imposto por esse contexto, houve grande procura das escolas pelo ensino híbrido em todos os segmentos, inclusive, na Educação Infantil. Com as crianças estando mais em casa, o acesso à tecnologia se tornou uma alternativa para dar continuidade à educação e não prejudicar o aprendizado dos pequenos.

A partir desse momento os profissionais da educação iniciaram o processo de aprendizado que para muitos foi um desafio, pois saíram da zona de conforto e mergulharam num mundo tecnológico, que para muitos educadores era uma realidade distante da sala de aula e tiveram rapidamente que conhecer e dominar novas ferramentas e instrumentos pedagógicos para orientar os alunos. Foi neste contexto que a Educação Infantil ressignificou suas estratégias de ensino e passou a realizar as atividades de maneira híbrida. De acordo com Ferreira:

O educador, seja ele gestor ou professor deve um colecionador incansável de experiências didáticas bem sucedidas suas e de outros colegas, e de técnicas e dinâmicas de grupo e de ensino. Deve ser ainda um profissional especializado na elaboração de recursos de ensino visando não somente a aquisição de recursos cognitivos, mas também de outros saberes e competências sociais, políticas, técnico-operacionais e humanas. (2004, p.47)

As novas tecnologias vieram para ficar, mesmo que a conectividade no município de Parintins não seja compatível, se comparada as demais cidades como é na Capital por exemplo em que o uso de dados moveis é mais rápido. Ainda assim, os professores fizeram sua tarefa de casa e foram a campo, literalmente, buscando conhecer a fundo as novas ferramentas de ensino, descobrindo novas possibilidades inimagináveis em tempos normais em sala de aula onde os cartazes, painéis, livros didáticos e demais recursos preenchem as necessidades de cada educador.

1.5 Ensino Híbrido e as novas possibilidades educacionais

O Ensino Híbrido ou *blended*¹ trata-se de uma modalidade de ensino que combina práticas presenciais e remotas, por meio do uso de ferramentas digitais. Tem origem na ideia da palavra inglesa para misturas, o que seria um tempo do aprendizado online e outra parte presencialmente com o auxílio de um tutor, professor ou mediador. BACICH (2015)

Esta modalidade surgiu basicamente como um produto do ensino online, porém com algumas características diferentes. Um dos benefícios do ensino híbrido na Educação Infantil, por exemplo, é envolver mais a família nas tarefas da escola, embora algumas famílias sintam dificuldades em repassar os conteúdos por não terem a mesma metodologia que a do professor ou por não dominar o conteúdo, por outro lado as crianças desenvolvem autonomia.

Algumas ações de metodologias ativas contribuem para aplicação dessa estratégia de ensino de forma adequada e planejada na Educação Infantil, como a sala de aula invertida, com turmas divididas em dias diferentes e menor número de alunos por sala, tudo de acordo e autorizado pelos órgãos competentes de saúde.

Sabemos que as turmas de Educação Infantil necessitam de atenção especial, de supervisão e cuidados para a implementação do ensino híbrido, por outro lado esses cuidados atendem às diretrizes e competências da Base Comum Curricular (BNCC) com inserção ao uso de recursos tecnológicos na rotina escolar, além de desenvolver habilidades socioemocionais como a proatividade, a autonomia, a cooperação e a comunicação.

Nesse sentido a BNCC contempla o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas ao uso crítico e responsável das tecnologias digitais tanto de forma transversal presentes em todas as áreas do conhecimento e destacadas em diversas competências e

¹ Conceito de Ensino Híbrido

habilidades com objetos de aprendizagem variados quanto de forma direcionada tendo como fim o desenvolvimento de competências relacionadas ao próprio uso das tecnologias, recursos e linguagens digitais, ou seja, para o desenvolvimento de competências de compreensão, uso e criação de tecnologias digitais de informação e comunicação em diversas práticas sociais, como destaca a competência geral 5:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018 p.9)

É importantes destacar que mudanças acontecem diariamente e elas podem ocorrer aos poucos, até porque há necessidade de adaptação por parte de todos além de adequação financeira, que para muitos professores ainda é um desafio. As novas tecnologias chegaram e vão fazer parte do cotidiano de todos gostando ou não devemos olhar a contrapelo os novos avanços da educação.

1.6 A criança Síndrome de Down na Educação Infantil: aspectos culturais e sociais

Verificar como ocorre o desenvolvimento escolar da criança SD por meio do Ensino Híbrido em tempo de pandemia na Educação Infantil é observar também como o processo de construção desse sujeito histórico e cultural acontece, como a socialização influencia na infância dessa criança, daí a necessidade, por exemplo, de trazer alguns dos aspectos essenciais da obra de Vigotski, para que se possa analisar/descrever como essa criança vai construindo o seu conhecimento e se constituindo enquanto ser humano cognoscente, independentemente de suas peculiaridades cromossômicas, é um sujeito que faz parte da sociedade.

Para Góes (2002) a criança é desde sempre um ser social, sendo que sua singularização como pessoa ocorre juntamente com sua aprendizagem como membro da cultura, ou seja, o desenvolvimento implica o enraizamento na cultura e a individuação

Ao considerar a criança como sujeito que aprende e se desenvolve nas relações que estabelece na cultura e com os outros sujeitos que estão ao seu redor, salienta-se que a criança com deficiência intelectual causada pela Síndrome de Down, por exemplo, como ser humano genérico, apresenta como todos os outros sujeitos condições de vida distintas, entretanto, marcadas por funções psicológicas que a diferenciam dos outros sujeitos.

Nesse contexto, pode-se ressaltar que esta criança aprende e se desenvolve na medida em que desenvolve suas funções psicológicas superiores – percepção, linguagem, vontade, emoção, memória, pensamento, imaginação, dentre outras.

A partir de tais constatações, Vigotski (2001) salientava o essencial e importante papel que a educação formal tinha, e ainda tem, para que o sujeito se aproprie e desenvolva tais funções.

Assim, entende-se que no processo de experiencição da educação formal, quando esta é planejada de modo a possibilitar o acesso aos bens social e culturalmente desenvolvidos, a criança, independente de quaisquer particularidades pode aprender e se desenvolver.

Desse modo, o processo inclusivo, nessa perspectiva teórica, deve levar em consideração que o modo como a escola se organiza, o modo como as relações interpessoais se estabelecem, o modo como a aprendizagem é concebida, além do modo como a criança é concebida em sua singularidade, são quesitos importantíssimos de serem observados, já que, “o déficit orgânico não pode ser ignorado, mas é a vida social que abre possibilidades ilimitadas de desenvolvimento cultural”. (GÓES, 2002, p. 100).

1.7 O Papel do Professor na Socialização da Criança Síndrome de Down na Educação Infantil Através de Atividades Híbridas

No cotidiano escolar a interação presencial entre educador e o educando faz-se necessária para que o processo de construção dos conhecimentos seja proveitoso e eficaz principalmente quando neste contexto está inserida a criança Síndrome de Down.

No entanto durante o período em que as aulas foram suspensas essa aproximação ficou prejudicada e os professores passaram a enviar as tarefas através dos grupos de sala com isso os desafios para mediar ficaram evidentes, uma vez que as orientações repassadas através de vídeo aulas não tinham o resultado esperado.

A criança Síndrome de Down por ter o nível de concentração peculiar que logo desconcentra das atividades propostas, requerem um olhar cuidadoso e, embora os pais fizessem as atividades conforme o cronograma da escola, o resultado final não era satisfatório.

Segundo Schwartzman (2003), o atraso no desenvolvimento motor da criança com Síndrome de Down, pode interferir em outros aspectos, como por exemplo, o seu conhecimento de mundo que ocorre a partir da investigação do espaço. O comportamento repetitivo e a impulsividade, pode interferir no tempo da exploração do ambiente, limitando assim o aprendizado.

Logo os materiais enviados eram devidamente explicados aos pais da maneira que a professora fazia em sala, dessa forma os pais podiam ensinar com base na metodologia do professor utilizando didática semelhante. O quarto do aluno, por exemplo transformou-se em sala de aula com materiais e cartazes que sob a orientação da professora que foram confeccionados pelos responsáveis da criança.

Não basta somente o professor dedicar-se ao aluno, mas os pais devem contribuir nessa tarefa árdua que é ensinar. No que se refere a essa ajuda, os pais em questão auxiliaram grandiosamente, pois buscam compreender cada detalhe desse processo educacional.

Quem um dia ousou desmerecer o trabalho do professor, principalmente na área Educação Infantil, a partir dessa pandemia reconheceu o quanto esse profissional é imprescindível na vida de cada estudante e o quanto estudam para desenvolver atividades embasadas nos teóricos para enfim aplica-las nas salas de aula, pôde perceber que não é fácil estar orientar crianças pequenas e com alunos que necessitam de cuidados especiais como é o caso dos educandos SD.

CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo trazemos informações para descrever como se deu o percurso metodológico da construção deste estudo, bem como os suportes teóricos e metodológicos que fundamentam essa estrutura, além de apresentar o contexto e o lócus pesquisado.

Para fortalecer a pesquisa nos apropriamos dos estudos de Chizzotti (2010), Fazenda (2010), Michel (2009).

2.1. Natureza, Método e sujeitos da pesquisa

O estudo que deu origem a esta pesquisa foi desenvolvido a partir da Natureza Qualitativa, pois parte do fundamento de que há uma dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (CHIZZOTTI, 2010).

O Método de Abordagem é o Fenomenológico, método que propõe estabelecer uma base segura, liberta de preposições, para todas as ciências (FAZENDA,2010). O método Fenomenológico não parte de uma verdade, mas de uma subjetividade, sendo um estudo de um conjunto de fenômenos que busca compreender como se manifestam, seja através do tempo ou no espaço.

A pesquisa assumi um panorama de estudo de caso, com enfoque descritivo sob uma perspectiva histórico-cultural, pois Michel (2009 p. 53) afirma: *“é uma técnica utilizada em pesquisas de campo com o objetivo de compreender o sujeito da pesquisa em seus próprios termos, ou seja, no seu próprio contexto”*.

A opção pelo estudo de caso com ênfase na descrição se dá, portanto, pelo fato de que o sujeito investigado é um caso isolado e também pelo fato de que os dados que serão produzidos, possivelmente, são múltiplos (palavras, silêncios, olhares, sons, expressões, objetos, movimentos, imagens, dentre outros), logo o propósito desta pesquisa não é levantar um único dado e, sim, analisar, compreender e descrever como acontece processo de desenvolvimento escolar desse sujeito, a partir do envolvimento com o contexto in loco. As técnicas que serão utilizadas durante a pesquisa são: entrevista semiestruturada e observação participante.

A importância desse tipo de entrevista, é que ela vem ajudar o pesquisado a mergulhar no passado da família do sujeito, desde o período pré-natal, pré-natal e pós-natal até os dias atuais buscando compreender todo o seu processo de desenvolvimento.

Na observação participante o cotidiano foi descrito, considerando os eventos, as atividades rotineiras, as discussões em um resumo do que acontece em sua rotina. Os instrumentos utilizados serão: câmera fotográfica, gravador de voz, uma vez que a criança é o primeiro caso de inserção de criança Síndrome de Down na referida Escola.

A metodologia teve grande relevância, pois nos forneceu um ponto de partida para situarmos diante da pesquisa proposta, nos abrindo caminhos para que tivéssemos procedimentos conscientes e formas de organizá-los racionalmente.

2.2. Contexto e lócus da pesquisa

A pesquisa aconteceu entre os meses de fevereiro a março de 2020 que antecedeu a paralisação por conta da Covid-19 e de abril a junho de 2021 ainda no contexto pandêmico com a retomada da atividades escolares na modalidade de Ensino Híbrido na escola Centro de Educação Ilha do Saber, uma instituição regular da rede particular de Educação Infantil e anos iniciais no Município de Parintins, a qual faz o atendimento de uma criança Síndrome de Down na idade de 5 anos cursando o jardim III.



Figura 2: Centro de Educação Ilha do Saber no Município de Parintins

Fonte: Barbosa (2021).

A pesquisa faz a análise averiguando como ocorre o desenvolvimento das atividades atendendo as necessidades do aluno e verificando quais delas são adequadas a criança SD e como se deu a relação entre aluno, escola e família no retorno das aulas depois de mais de um ano longe da sala de aula.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola o Centro de Educação Ilha do Saber, fundada no ano de 2007 pela médica Maria Auxiliadora Messa Chiarion surgiu com o objetivo de atender crianças pequenas de 2 a 5, naquela época o município de Parintins não atendia a faixa etária de 2 anos, idade de sua filha caçula e motivada por amigos que compartilhavam da mesma ideia de ter que trabalhar e não ter com quem deixar seus filhos pequenos e principalmente com pessoas não qualificadas resolveu aceitar o desafio e abriu a escola.

De acordo com Gadotti (1994):

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores (p. 579).

Por esta razão a escola buscou elaborar os documentos necessários de acordo com a exigências das secretarias para a autorização junto aos órgãos competentes e a partir de 2011, além da Educação Infantil tornou-se apta ao atendimento de educandos das series iniciais do

Ensino Fundamental de 1º ao 5ºano. Inicialmente a escola situava-se a AV. Paulo Teixeira, nº 1070, no bairro Santa Rita de Cássia, onde funcionou por quatro anos.

Atualmente o Centro de Educação está situado a Rua Alcides Seix, nº180 Conjunto da Sham e sua estrutura física está dividida em 5 salas de aula, 1 secretaria, 1 sala de coordenação pedagógica, 1 área para atividades recreativa, 1 sala de movimento corporal, 3 banheiros sendo que um deles é direcionado a pessoa com deficiência.

A proposta pedagógica do Centro de Educação Ilha do Saber considera o que consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9394/96, a Constituição Brasileira, o estatuto da criança e do adolescente, o disposto do referencial Curricular da Educação Infantil/MEC, considerando as diferenças individuais e as peculiaridades das crianças na faixa etária atendida pela Educação Infantil, estando alinhada a Base Comum Curricular BNCC.

A escola procura propiciar a criança o desenvolvimento da sua autonomia, isto é, a capacidade de construir seus conhecimentos de forma significativa disciplinada, construtiva. Buscando construir sua proposta pedagógica com a fundamentação teórica centrada na Teoria de Desenvolvimento Infantil de Jean Piaget (1973), pretendendo assim desenvolver uma prática pedagógica que possibilita a criança adquirir habilidades e conhecimentos integrados ao seu mundo real.

Tais pressupostos se respaldam em teóricos como Vigotski (2001) o qual sustenta a ideia de que o desenvolvimento se dá nas interações sociais, onde acontece a transmissão da cultura. Maria Montessori (1965), com os “centros de interesse”, uma metodologia que conduz a criança ao contato com as atividades temáticas, utilizando a observação, associação, e expressão criativa); e outros como Constance Kamii (1990), Emília Ferreiro (1895), Ana Teberosky (1999), que após estudos comparativos e adaptações nos encaminharam a prática permeada de atitudes sócio- interacionista.

Portanto, a metodologia de ensino da escola está baseada na proposta sócio interacionista, ou seja, o objetivo é levar a criança a explorar todas as possibilidades do seu corpo, dos objetivos, das relações, do espaço, e através disso, desenvolver a sua capacidade de observar, descobrir e pensar.

2.3. Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos deste estudo são: um educando Síndrome de Down atendido na escola regular da rede particular Ilha do Saber, os pais do referido aluno e a professora de sala. A criança tem 5 anos de idade e de acordo com a Base Comum Curricular está na pré-escola que compreende as idades entre 4 e 5 anos e 11 meses de crianças pequenas (BRASIL, 2018)

O critério para a escolha dos sujeitos da pesquisa se deve ao fato de que um deles, o discente, ser o primeiro estudante Síndrome de Down da escola, por esse motivo despertou nossa atenção no período de estágio devido a seu jeito receptivo, extrovertido, desenvolto e adaptado a rotina escolar.

Leonardo é uma criança ativa, extrovertida e atenta a tudo o que acontece ao seu redor. Durante as observações interagiu cordialmente conosco, sempre interessado nas atividades, embora tenha suas limitações em relação a deficiência intelectual demonstra boa vontade em aprender.

Logo que surgiu a vontade em pesquisar sobre a temática envolvendo a criança, ficamos apreensivos de como abordaríamos a família e se seríamos compreendidos. Contudo os genitores demonstraram satisfação em participar do estudo, pois depositaram total confiança de que seria feito com ética e responsabilidade, marca registrada da Universidade do Estado do Amazonas, instituição conceituada no município de Parintins.

Percebeu-se que a família tem total interesse em disseminar conhecimento que ajude as demais crianças com SD a desenvolverem suas potencialidades. Segundo (Minuchin, Colapinto & Minuchin, 1999) família pode ser considerada o sistema que mais influencia diretamente o desenvolvimento da criança.

Partimos para o diálogo com a professora de sala que na época estava sem monitora e recebia auxílio do um apoio pedagógico composto por uma estagiária. A docente Leuzenir nos atendeu com todo carinho e atenção. Ela é pedagoga graduada pela UEA e começou a trabalhar na escola este ano de 2021.

CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo mostraremos os resultados alcançados no decorrer da pesquisa sobre o desenvolvimento escolar de uma criança Síndrome de Down por meio de uma nova modalidade de Ensino em tempo de pandemia, cujo o objetivo é analisar como ocorre o desenvolvimento desta criança SD em uma Escola de Educação Infantil da rede particular de Ensino do município de Parintins.

Com base nos estudo de Barbosa (2006), Bacich (2015), Libâneo (2001), Kishimoto (2008), Schwartzman (2003) dentre outros que fazem parte desta pesquisa e que corroborarão para o desenvolvimento da tessitura que consideramos pertinentes para evidenciar como ocorre o desenvolvimento escolar da criança SD diante da nova realidade educacional.

Esperamos que este estudo possibilite a reflexão acerca da problemática que vamos analisar através das discussões envolvendo escola e família mediante contexto a partir das perguntas propostas.

3.1. Repostas obtidas a partir da entrevista com os pais do aluno

A família é a base que alicerça um grupo social que constantemente se reconstrói e se ressignifica diante das mais variadas adversidades. Dessa forma, é concebida como o primeiro sistema no qual um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais são vivenciados pela pessoa em desenvolvimento e cujas trocas dão base para o estudo do desenvolvimento do indivíduo (Sigolo, 2004). Partindo dessa reflexão nossa proposta de trabalho objetivou aplicar um questionário aos pais do educando contendo sete questões, que gentilmente foram respondidas.

A primeira buscou saber do grau de escolaridade, idade e formação familiar. O pai se chama Marcelo, é professor da rede pública do estado e atende alunos de Ensino Médio em uma escola do município de Parintins, tem 48 anos, possui graduação em Geografia, com especialização em Turismo e a mãe se chama Alciana, funcionária pública Federal, bibliotecária, graduada em Biblioteconomia com especialização em arquivologia e tem 44 anos.

Com base nos estudos de D'Avila-Bacarji et al. (2005a, 2005b), descreve como a escolaridade dos pais contribuem para o desenvolvimento escolar da criança SD promovendo um amplo leque de possibilidades no processo educacional.

Nesta ótica os pais do educando, dispõem de nível superior completo e se mostraram seguros nas suas respostas e receptíveis ao andamento da pesquisa, autorizando que suas identidades fossem divulgadas como forma de mostrar um novo olhar sobre a criança SD e o contexto escolar.

A segunda questão estava relacionada ao filho do casal motivo da referida pesquisa. Foi perguntado qual é a idade da criança e de que maneira os pais acompanham a vida escolar do filho. A mãe respondeu que o filho tem 5 anos e 9 meses e relataram que participam ativamente das atividades escolares dele através das reuniões de pais e professores, auxiliando nas tarefas de casa, adquirindo materiais de apoio pedagógico como: brinquedos, livros, materiais pedagógicos que auxiliem no desenvolvimento cognitivo e motor, os quais utilizam na durante as brincadeiras

Perguntados sobre quais conhecimentos dos genitores possuem sobre a Síndrome de Down foi respondido que buscam informações desde que souberam teríamos uma criança com

esta alteração genética já na quarta semana de gestação através de exames pré-natal. A importância do exame pré-natal é fundamental para que as famílias e principalmente as mães, ao receberem a notícia acerca da chegada do bebê Síndrome de Down preparem da melhor forma o psicológico nos meses que antecedem ao parto.

Saad (2003) destaca que a comunicação cedo ou tardia sobre a Síndrome de Down para os pais, não muda o grau de impacto para eles, no entanto, a sensibilidade dos médicos torna possível que os pais possam entender as possibilidades destas crianças, e não somente as dificuldades que esta condição traz para todos.

Os pais relatam que o filho é atendido, desde os 4 meses de idade, por profissionais de fonodiologia e fisioterapia. Fez sessões de psicologia e é atendido por profissionais médicos, com regularidade, mas não apresenta nenhum problema de saúde grave.

A família demonstrou conhecimento e estudo acerca do assunto. De acordo com o relato dos pais essa síndrome é configurada pela presença de três pares no cromossomo 21 das células, causando a deficiência intelectual, hipotomia muscular que (músculos fracos e flácidos) e algumas características físicas específicas, comuns em pessoas com a SD, dessa maneira mostram ter conhecimento sobre o assunto (MARTINHO, 2011).

Nesse sentido, vale destacar que independente do filho possuir uma deficiência os pais fazem o possível para que o desenvolvimento social e cognitivo ocorra com amor e carinho e o ato de educá-lo, respeitá-lo, e ainda, prezar por uma inserção e compreensão do mesmo diante da sociedade faz toda a diferença.

3.2. A visão dos Pais no Processo de Inclusão do Filho em uma Escola Regular de Ensino

Segundo Schwartzan (1999) a Síndrome de Down é uma herança genética, que algumas pessoas consideravam ser uma doença e com o passar dos tempos passou a ser reconhecida como uma deficiência genética. Hoje, a pessoa com a SD é aceita com menos preconceito por educadores que trabalham o processo de inclusão em escolas públicas e privadas, inserindo a criança no convívio escolar respeitando os seus limites.

A família dentro do processo de inclusão tem papel fundamental percebemos o quão imprescindível ela é dentro desse contexto. Na quarta questão foi perguntado aos pais como eles observaram essa atuação de inclusão do filho numa escola regular, eles relataram que seu filho foi introduzido no ambiente escolar quando tinha 1 ano de idade em uma escola de Educação Especial. Com 2 anos passou a estudar em escola regular até os dias atuais, onde pôde conviver com crianças sem Síndrome, relatam que o receberam com normalidade desde o primeiro contato.

Bassedas (1999) ressalta que é de grande importância que exista uma boa relação entre a família e a escola, precisa ficar claro que a escola e família são contextos diferentes e que nesses contextos, as crianças encontrarão coisas, pessoas e relações diversas, ou seja, a criança ao entrar na escola, ela começa a ver o mundo de uma forma diferente. Percebemos que a família se sentiu acolhida pela receptividade da escola e esse é o caminho para que a inclusão aconteça de maneira gradativa.

O processo educacional no referido ambiente escolar, teve início com o ciclo maternal, onde ele começou a aprimorar a facilidade que tem de se relacionar com outras crianças que não são da família, desenvolveu um pouco a fala e a coordenação motora grossa e teve contato com os primeiros conteúdos escolares, os quais foram trabalhados utilizando estratégias lúdicas, com mais de um canal de comunicação, segundo os pais esse foi um ponto positivo.

Segundo Mantoan (2001), a inclusão da criança com Síndrome de Down, não implica no aproveitamento das demais crianças. Com a diversidade do meio social e, especialmente no ambiente escolar, é fato determinante o enriquecimento das trocas, dos intercâmbios intelectuais, sociais e culturais que possam ocorrer entre os sujeitos que nele interagem.

Nos anos seguintes, os assuntos do maternal foram revisados, de forma menos lúdica. Neste ano ele também se desenvolveu muito, inclusive nesta fase, deixou de usar fraldas. A partir do Jardim 2, ele já se mostrou mais amadurecido, infelizmente foi no ano de 2020 devido a pandemia de Covid-19 as aulas presenciais foram interrompidas em março consequentemente as crianças tiveram pouco aproveitamento. As aulas retomaram por meio de vídeos e o aluno contou com a ajuda da família, mas o rendimento escolar não foi o esperado.

É importante destacar que neste processo de Educação Infantil na escola regular, de acordo com a observação dos pais nem todos os professores estão aptos a ensinar um aluno com Síndrome de Down.

Daí a importância da formação continuada dos professores e de adequarem as novas realidades impostas pelas transformações sociais e as novas tecnologias que a comunicação caminha, é que se faz necessário a atualização e o aprofundamento na área em que atua. Segundo DEMO (2007, p. 11) “investir na qualidade da aprendizagem do aluno é, acima de tudo, investir na qualidade docente”.

A formação continuada pode ser feita dentro ou fora da escola, as duas formas beneficia o próprio professor, a escola e o principal: o educando. Podemos citar, algumas formas de formação continuada, na escola, através do trabalho coletivo e ou individual e fora da escola através da Plataforma digitais e ensino a distância. Cabendo ao professor a escolha do que melhor satisfaça suas necessidades.

Dentro desse contexto trouxemos o Projeto de Intervenção Pedagógico na Escola, enfatizando a atuação do professor. Também significa que a realidade da escola deve ser considerada pela permanente reflexão teórica. Deste modo, o projeto tem como finalidade delinear a intencionalidade das ações a serem implementadas na escola.

Partindo destes pressupostos o projeto de intervenção trouxe como problemática a criança Síndrome de Down e o seu desenvolvimento escolar em época de pandemia. O objetivo geral é analisar como ocorre o desenvolvimento escolar da criança Síndrome de Dow em uma escola regular de Educação Infantil da rede particular do município de Parintins.

Foram analisadas as atividades desenvolvidas pela escola verificando como a professora trabalha com o educando em questão. Como sugestão de apoio apresentamos projeto voltado ao aprendizado envolvendo a ludicidade através de jogos pedagógicos que contemplem a disciplinas Português e Matemática para desenvolver as habilidades de escrita, leitura e sequência numérica que o educando respeitando suas especificidades.

O projeto denominado Aprendendo com as Diferenças buscou promover o desenvolvimento cognitivo, raciocínio lógico e interação entre as criança promovendo a inclusão, uma vez que o educando apresenta dificuldades na concentração.

Apresentamos dois jogos, no primeiro produzimos a pescaria das sílabas, onde os alunos utilizaram as varas de pesca para alcançar os peixinhos e neles foi colado sílabas, assim conforme iam pescando formavam pequenas palavras e professora conseguia desenvolver a leitura com as crianças. No segundo confeccionamos material didático para a sequência numérica utilizando rolos de papel higiênico, colamos os numerais na frente e com os palitos de picolé cada criança ia colocando a quantidade de acordo com a orientação da mediadora. Desta maneira além dele os demais colegas participaram das atividades propostas possibilitando a interação entre eles.



Figura: 03 Pescaria da sílabas
Fonte: Barbosa (2021)



Figura: 04 Sequência numérica
Fonte: Barbosa (2021)

3.3. A criança Síndrome de Down e a escola em Tempo de Pandemia

Quando perguntados sobre a importância da escola regular para o desenvolvimento de seu filho Síndrome de Down, eles citaram que o ponto relevante é a convivência com outras crianças sem a Síndrome de Down e na possibilidade de inclusão. Nesse processo a criança aprende com os demais colegas e participa de todas as atividades extras oferecidas pela escola direcionado a turma.

Segundo Voivodic (2004), as interações entre crianças com e sem necessidades especiais são determinantes para a concretização de processos de inclusão escolar e, por isso, há necessidade de mais investimentos em estudos sobre esses processos. A caracterização dessas interações, além de constituir importante ampliação no conhecimento científico, possibilitará avaliar as variáveis facilitadoras e dificultadoras do estabelecimento de vínculos de cooperação e amizade. Esta avaliação é fundamental para a organização de contingências no sentido de aumentar a probabilidade de obtenção de sucesso no processo de inclusão escolar de pessoas com necessidades especiais.

Segundo os pais, tais possibilidades de inclusão auxiliam no processo de inserção no mundo dos “ditos normais”, desenvolvendo a auto confiança, a autoestima e as habilidades de convivência em grupos, dentre outras possibilidades. A importância da criança interagir com todos desperta e incentiva o seu desenvolvimento intelectual e emocional parte essencial para o pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Por isso é essencial que a escola prepare um

ambiente adequadamente, de forma a propiciar “as condições que tornam possível a manifestação dos caracteres naturais da criança (MONTESORI, 1965).

Quanto aos desafios enfrentados pelos pais no período da pandemia longe da escola, citaram alguns dentre os quais: a falta do ambiente e rotina escolar, a ausências dos colegas, a falta de preparo dos pais em ensinar e a internet de má qualidade em nosso município colaboraram como dificultadores durante o processo de distanciamento social.



Figura 5: Em casa na época da paralisação
Fonte: Mãe do aluno via grupo de sala



Figura 6: Realizando as atividades remotas
Fonte: Mãe do aluno via grupo de sala

Os pais avaliaram de forma positiva o trabalho da escola em 2020, conforme relataram a escola deu os direcionamentos do andamento das atividades e apesar da paralisação das aulas presenciais, a instituição organizou-se de maneira a atender as necessidades de seus alunos de maneira remota, com vídeos aulas, produziu um apostilados com atividades de acordo com a idade da criança, ensinou e orientou tarefas e conteúdo para que os pais pudessem repassar aos filhos de maneira semelhante ao que trabalhavam na sala de aula.

Segundo Dolors (1998) é importante que a família participe constantemente das atividades proporcionadas pela escola, incentivando seus filhos para o mesmo, pois esta união de esforços enriquecerá todo o processo de aprendizagem; este grupo social deve dar continuidade a esse processo iniciado.

Percebeu-se que há uma troca de colaborações entre família e escola. Nesse período em as aulas foram divididas em dias diferenciados com horários reduzidos respeitando os protocolos de saúde, cada um fez sua parte para atender as necessidades da criança.

As ações colaborativas que podem ser realizadas na rede, resultam em diferentes níveis de interação e podem variar de um sujeito para outro. Porém, numa atividade colaborativa há uma troca

entre os envolvidos que não permite um único autor. Independentemente do resultado, ele é fruto do envolvimento de todos que fizeram parte ao longo do caminho

3.4. Reposta ao questionário aplicado a professora a respeito do educando Síndrome de Down

O questionário composto por 6 perguntas foi aplicado a professora de sala que se chama Leuzenir e trabalha com estudante Síndrome de Down e iniciou este ano de 2021 o trabalho na referida escola.

Questionada acerca da sua formação acadêmica respondeu que é graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas, possui um ano de experiência como docente, já trabalhou como monitora pela prefeitura do município de Parintins.

Sabemos que o professor tem papel fundamental no processo ensino/aprendizagem, é preciso que ele saiba dominar as técnicas necessárias para um bom desenvolvimento dentro desse processo de conhecimento. É nessa busca incansável de conhecimento e aprendizado que o professor deve agir de maneira consciente e responsável diante das várias possibilidades que a profissão apresenta.

Dessa forma o educador desenvolve em sua didática múltiplos leques de saberes significativos ao ensinar uma criança, tornando o aprender mais prazeroso e estimulador. O didático se refere à teoria e prática do ensino e aprendizagem, considerando o ensino como um tipo de prática educativa, vale dizer uma modalidade de trabalho pedagógico (LIBÂNEO 2001).

Nesse sentido de colecionar experiências significativas a professora ressalta que embora esteja há pouco tempo atuando em sala, não deixa de estudar novas práticas e metodologias para trabalhar com as crianças.

Diante de tais necessidades especiais educacionais, o papel do professor é de suma importância na educação inclusiva, visto que o professor é a autoridade competente, direciona o processo pedagógico, interfere e cria condições necessárias à apropriação do conhecimento. O ideal é que na experiência educativa, educandos, educadoras e educadores, juntos ‘convivam’ de tal maneira com os saberes que eles vão virando sabedoria. Algo que não é estranho a educadores e educadoras (FREIRE, 2005).

Perguntada se já havia trabalhado alguma vez com aluno Síndrome de Down ela respondeu a segunda questão afirmando que esta é a primeira vez que tem contato com uma criança Síndrome de Down, embora tenha conhecimento prévio devido conhecer uma pessoa com a mesma síndrome.

Ela ressalta que trabalhar com um aluno síndrome de Down a deixou no primeiro momento assustada, no entanto recebeu o apoio e auxílio necessários para conduzir com responsabilidade este desafio.

A terceira pergunta veio questionar se ela conhecia sobre a Síndrome de Down, a mesma ressaltou que conhecia pouco, mas que nas aulas da Universidade do Estado do Amazonas tiveram uma disciplina sobre a Educação Especial e por saber que trabalharia com o educando em questão se debruçou nas leituras de texto da época sobre o caso específico para atender de maneira correta a criança.

Para Morin (2000), o professor tem o dever de educar-se sobre o mundo e sobre a cultura dos estudantes para que possa responder às questões e curiosidades deles, preenchendo lacunas entre o mundo do professor (adulto), o mundo do aluno (criança e jovem), na maioria das vezes em contato com as tecnologias e o conhecimento escolar.

No tocante a fala da professora, a mesma demonstra interesse prévio em conhecer a realidade do aluno, suas dificuldades, seu histórico e suas limitações para que o atendimento a essa criança se torne efetivo.

Na quarta pergunta quando indagada sobre quais atividades trabalha com o aluno Síndrome de Down a professora respondeu que utiliza as mesmas atividades que os demais alunos realizam, ela produz matérias lúdicos, sensoriais, adapta várias atividades para suprir a necessidade da sua turma incluindo a dele.

Ressalta que confecciona materiais pedagógicos educativos para estimular o aprendizados das crianças e reforça a importância de trabalhar através de jogos e brincadeiras. Os jogos constituem-se uma ferramenta adequada para ensinar os conteúdos curriculares de maneira significativa aos alunos que necessitam de atividades diferenciadas e lúdicas.

De acordo com Kishimoto (2008, p. 121):

O uso de brinquedos, jogos e materiais pedagógicos, do ponto de vista psicopedagógico, necessita da percepção do contexto em que se encontram inseridos. É preciso que o professor e/ou psicopedagogo identifiquem a matriz simbólica anterior do objeto, para entender melhor as necessidades e dificuldades mais imediatas do aluno.

Segundo a professora a experiência está sendo única pois, todas as atividades repassadas ficam significativas e o aprendizado tanto dele quanto dos demais evolui de maneira positiva uma vez que é inteligente, apesar da resistência em concluir algumas tarefas propostas principalmente no que se refere a escrita mesmo realizando-as com empenho.

Quando questionada na quinta questão se a escola dá o suporte necessário a ela para a execução de seu trabalho ela respondeu que sim, seja na aquisição de materiais concretos para a confecção de materiais pedagógicos ou através das capacitações relacionadas por exemplo como alinhar os planejamentos de acordo com a BNCC ou nas áreas de inclusão como atendimento a criança com espectro do autismo e a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS.

Nesse sentido a instituição vem se adequando para que esse processo de inclusão aconteça de maneira satisfatória apostando na formação continuados de seus docentes. Embora a escola não tenha uma sala de recursos direcionada ao atendimento da pessoa com necessidades especiais, a coordenação lhe dá suporte necessários na promoção de capacitações relevantes ao assunto.

Segundo Hargreaves (2002) nos diz que ela é um processo que envolve aprendizado, planejamento e reflexão. Envolve valores, propósitos e conceitos associados ao que está sendo modificado. Há dessa forma, a necessidade de se fazer parte integrante dessas mudanças e as elaborando dentro de um contexto mais amplo de reflexão.



Figura 7: Professora e aluno nas aulas híbridas
Fonte: Barbosa (2021)

Na sexta pergunta a docente foi indagada acerca dos desafios enfrentados ao saber que seria professora de uma criança Síndrome de Down ela relatou que apesar da pouca experiência com a criança, sentiu receio de não conseguir trabalhar com o educando e preocupou-se em não corresponder às expectativas da escola, porém buscou através de leituras adequar-se e com ajuda das demais professoras que já o conheciam, alinou sua metodologia para possibilitar a todos os alunos um bom desenvolvimento de suas potencialidades.

Assim, o trabalho docente na Educação Infantil, torna-se de suma importância para a inclusão social e transformadora dos seres humanos, não devendo ser mediado de qualquer maneira e por qualquer pessoa, devendo, desse modo, ser valorizado em todas as instâncias.

Trabalhar com criança pequena demanda, portanto, do profissional que atua com crianças pequenas uma competência polivalente, esta significa que “ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento” (BRASIL, 1998).

Relata que o tratamento com os demais da sala é da mesma maneira, assim como os colegas de aula para com ele, dessa forma ele se sente acolhido, respeitado e amado por todos.

Ao refletir sobre a escola, que apesar de não ser especificamente para o atendimento da pessoa com necessidades especiais buscamos compreender todo o processo de mudanças, mesmo que simples para que a inclusão aconteça, com erros e acertos, mas ressignificando os caminhos para que novos tempos cheguem e mais do que isso, com professores ávidos em nunca querer parar de aprender.

É também papel da escola ajustar a inserção do indivíduo ao meio social, sempre com uma visão crítica, é importante salientar que a prática pedagógica do professor é essencial no desempenho escolar do aluno, já que a educação vem passando por mudanças no decorrer dos anos, por isso é necessário que o docente esteja sempre buscando atualizações para inovar sua prática de ensino.

Para Libâneo (2006), com a orientação da coordenação pedagógica e havendo um clima de colaboração, pode se chegar à prática dos professores ao observarem as aulas uns dos outros e fazerem uma reflexão conjunta para que se ajudem reciprocamente. É professor que deve ir à busca de alternativas para enriquecer a prática por meio de recursos pedagógicos, planejamentos das ações que estejam relacionados aos conteúdos e a vida escolar do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todo contexto no qual a pesquisa foi envolvida, entendemos que o período que ainda estamos vivenciando é extremamente delicado em todos os sentidos, pois as incertezas, medo e muitas perdas acabam por criar um espécie de bloqueio em pais, professores e nas crianças. Assim trazendo um novo modelo educacional que emergiu por conta da necessidade percebemos que o objetivo que nos propusemos alcançar foi realizado pois mesmo em tempos conturbados a análise de como ocorreu o desenvolvimento da criança Síndrome de Down por meio do ensino Híbrido em tempo de pandemia em uma Escola de Educação Infantil da rede particular de Ensino do município de Parintins, foi concretizado.

Percebemos ainda que tal análise foi possível por varios fatores dentre eles o trabalho realizado pela escola particular destacando o número reduzido de crianças a serem atendidas, o respeito a diversidade e ao momento no qual estamos vivendo , o cuidado com o processo educacional para que as crianças não sentissem ociosas , especialmente as crianças com necessidades educacionais especiais , transtornos ou deficiência, nesse caso a análise foi realizada na criança Síndrome de Down, as relações entre família e escola para que as atividades Híbridas pudessem ocorrer .

Ainda em relação as questões analisadas diante dos dados coletados, é imperativo afirmar a importância das atividades realizadas nesse período de pandemia no qual a criança teve a oportunidade de continuar realizando as atividades mesmo que de uma maneira diferente mas que respeita os limites tanto do processo de aprendizagem quanto da socialização.

Percebemos também que o ensino por meio de atividades híbridas vantajosos ou não, no caso do lado vantajoso para criança, o mesmo acontece quando o acompanhamento do profissional comprometido com o processo, haja vista que em meio ao contexto educacional as famílias precisam ser ouvidas e posteriormente assistidas diante das atividades que as mesmas estarão ajudando as crianças em casa.

Sobre o lado não tão vantajoso, percebemos dentre outros os limites oferecidos as crianças em casa para realizar as atividades e algumas cobranças desnecessárias das famílias e professores que acabam criando uma exigência prescindível para que as crianças realizem as atividades, esse fator acontece na maioria das vezes por falta de conhecimento que cada criança tem seu ritmo próprio, seja ela com Síndrome de Down ou não.

Assim concluímos a importância da pesquisa considerando a especificidades e riqueza que obtivemos durante a realização da tessitura, o que nos levou a um olhar reflexivo sobre a evolução com a qual o processo educacional e suas nuances cresceu com intuito de atender as todos sem diferença.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BACICH, L. TANZI, A. N. TREVISANI, F. M. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação.** Porto Alegre: Penso, 2015.

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil.** Porto Alegre, RS: Artmed, 1999.

BRASIL. Constituição. **Constituição:** República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto.** Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/SEF, Volume 1º, 1998.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC, 2010.

BEYER, HUGO OTTO. **Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais.** 3ª ed – Porto Alegre: Mediação, 2010

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRUNONI, D. **Aspectos epidemiológicos e genéticos.** In: SCHWARTZMAN (ed.). *Síndrome de Down.* São Paulo: Memnon, 1999.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 11. Ed.- São Paulo: Cortez, 2010. – (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v.16

D'Avila-Bacarji, K. M. G.; Marturano, E. M. & Elias, L. C. dos S. (2005a). Recursos e adversidades no ambiente familiar de crianças com desempenho escolar pobre. *Paidéia, 15,* 4355.

DEMO, Pedro. É preciso estudar. In A. M. de Britto. **Memórias de formação: registros e percursos em diferentes contextos.** Campo Grande: Ed. da UFMS, 2007.

DOLORS, Jacques. **Um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez, 1998.

FAZENDA, Ivani (org). **Metodologia da pesquisa educacional.** – 12. Ed.-São Paulo: Cortez,2010.

FERREIRA, Ana Gláucia Claudino. **Et al. Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar:** PROFORMAR. Manaus: UEA, 2004.

FERREIRO, Emília. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização.** Cadernos de Pesquisa, v. 52, 1985.

FERREIRO, E. TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita.** Trad. Diana Myrian Lichtenstein et all. Ed. Artmed, Porto Alegre, 1999. Reimpressão 2008.

FIERRO, A. **A escola e o déficit intelectual**. In: COLL *et al.* Desenvolvimento, psicologia e educação – Vol. 3: Necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir (1994). "Pressupostos do projeto pedagógico". *Anais da Conferência Nacional de Educação para Todos*. Brasília: MEC, 28/ago. a 2/set.

GÓES, M. C. R. de. **Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural**. In: OLIVEIRA, M. K. *et al.* Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002. P. 95-114

HARGREAVES, A. **Aprendendo a mudar: O ensino para além dos conteúdos e da padronização**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KAMII, Constance. **A criança e o número: Implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação com escolares de 4 a 6 anos**. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brincadeira e a educação**: 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogos e Pedagogas: inquietações e buscas**. Curitiba: Educar, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos – **Democratização da escola pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos**, 2006, 21ª edição.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A educação especial no Brasil: da exclusão à inclusão escolar**. São Paulo: Faculdade de Educação: Universidade Estadual de Campinas, 2001.

MARTINHO, L.S.T. **Comunicação e Linguagem na Síndrome de Down**. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação Almeida Garret, Lisboa, 2011

MAZZOTA, MARCOS J.S. **Educação Especial no Brasil: histórias e políticas públicas**- 4.ed.- São Paulo: Cortez, 2003

MAZZOTA, MARCOS J.S. **Educação Especial no Brasil: histórias e políticas públicas**- 6.ed.- São Paulo: Cortez, 2011

MENDES, E. G. **Perspectivas para a construção da escola inclusiva no Brasil**. In: PALHARES, M. S.; MARINS, S. (Org.). *Escola inclusiva*. São Paulo: EDUFSCAR, 2002. P. 61-85.

MICHEL, M. H. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. 2. Ed. São Paulo, Atlas, 2009.

Minuchin, P.; Colapinto, J. & Minuchin, S. (1999). *Trabalhando com famílias pobres*. Porto Alegre: Artes Médicas.

MONTESSORI, Maria. **Mente absorvente**. Rio de Janeiro, Portugália Editora (Brasil), s.d.

_____. **Pedagogia Científica: a descoberta da criança**. São Paulo, Flamboyant, 1965.

MOREIRA, L.M.A., HEL- RANI, C & GUSMÃO, F.A.F. (2000). A Síndrome de Down e sua patogênese. Considerações sobre o determinismo genético. In: **Revista Brasileira de Psiquiatria**.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez / UNESCO, 2000.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PRIETO, R. G. **Atendimento Escolar de Alunos com Necessidades Educativas Especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil**. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Inclusão escolar**. São Paulo: Summus, 2006. P. 31-103.

SAAD, Suad Nader. **Preparando o caminho da inclusão: dissolvendo mitos e preconceitos em relação à pessoa com Síndrome de Down**. 1 ed. São Paulo: Vetor, 2003.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. "**Síndrome de Down**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/doencas/sindrome-de-down.htm>. Acesso em 10 de julho de 2021.

SILVA, N.L.P, & DESSEN, M.A. (2002). **Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família**. *Interação em Psicologia*.

SIGOLO, S. R. R. L. (2004). **Favorecendo o desenvolvimento infantil: ênfase nas trocas interativas no contexto familiar**. In E. G. Mendes, M. A. Almeida & L. C. A. Williams (Orgs.). **Temas em Educação Especial: avanços recentes** (pp.189-195). São Carlos: Edufscar.

SCHWARTZAN, J. S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Mackenzie, 1999.

SCHWARTZMAN, J.S. **Síndrome de Down**. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2003.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VOIVODIC, M. A. **Inclusão escolar de criança com Síndrome de Down**. Petrópolis: Vozes, 2008

APÊNDICES




APÊNDICE “A”

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO


Roselyny Corina Marchão

Caro (a) Professor (a) . Convidamo-lo (a) a participar da pesquisa de TCC “A criança síndrome de Down: uma análise através das atividades híbridas em tempo de pandemia.” sob a responsabilidade da pesquisadora Roselyny de Jesus Barbosa com endereço profissional no Centro de Estudos Superiores de Parintins, sito a Estrada Odovaldo Novo, s/nº - Dejará Vieira, CEP 69152-470 - Parintins/AM, telefone: (92) 3533-6630, email: rjb.ped16@uea.edu.br e de sua orientadora professora MSC. Francisca Keila de Freitas Amoedo com endereço profissional no Centro de Estudos Superiores de Parintins, sito a Estrada Odovaldo Novo, s/nº - Dejará Vieira, CEP 69152-470 - Parintins/AM, telefone: (92) 3533-6630, email: keilaamoedo@hotmail.com.

Com essa pesquisa, pretendemos analisar como ocorre o desenvolvimento da criança síndrome de Down através das atividades híbridas em tempo de pandemia.” Para atingir o nosso objetivo, faremos a entrevista semiestruturada. Pedimos seu consentimento para que sejam registros por meio de fotografias. Informamos que o conteúdo constituirá objeto de análise desse estudo, podendo ser citado no TCC, de acordo com suas necessidades científicas.

O (a) senhor(a) pode se recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar se justificar e, pelo fato de desejar sair da pesquisa, não terá qualquer prejuízo. O (a) senhora(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração porque o custeio da pesquisa será de total responsabilidade da pesquisadora. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo mantida em sigilo.

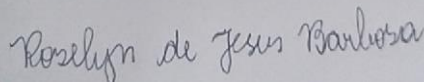
Consentimento Pós-Informação

Eu, , tendo sido informado(a) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo da referida pesquisa, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. Este documento será emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo (a) pesquisador (a), ficando uma via com cada um de nós.

Parintins, 19 de junho de 2021



Assinatura do participante



Pesquisador (a)

APÊNDICE “B”
ROTEIRO DE ENTREVISTA

Caro (a) educador (a) você está sendo convidada a participar do desenvolvimento desta entrevista, cujo objetivo é analisar **como ocorre o desenvolvimento da criança síndrome de Down através das atividades híbridas em tempo de pandemia**

Identificação

Nome: Leuzenir Corrêa Marchão

Idade: 32

Gênero: Feminino

Formação acadêmica: Licenciatura em Pedagogia

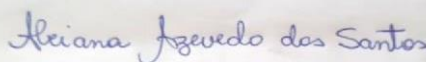
Tempo de atuação como docente: 1 ano

1. Qual é sua formação acadêmica e tempo de atuação?
2. Você já trabalhou com criança Síndrome de Down?
3. Você tem algum conhecimento sobre a Síndrome de Down?
4. Quais atividades trabalha com a criança Síndrome de Down?
5. A escola dá o suporte necessário para trabalhar com criança Síndrome de Down?
6. Quais os desafios em trabalhar com a criança Síndrome de Down?

Obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE “C”**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Caro (a) Responsável

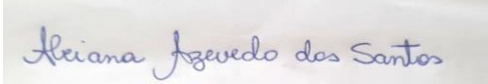


Convidamo-lo (a) a participar da pesquisa de TCC “A criança síndrome de Down: uma análise através das atividades híbridas em tempo de pandemia.” sob a responsabilidade da pesquisadora Roselyn de Jesus Barbosa com endereço profissional no Centro de Estudos Superiores de Parintins, sito a Estrada Odovaldo Novo, s/nº - Dejard Vieira, CEP 69152-470 - Parintins/AM, telefone: (92) 3533-6630, email: rjb.ped16@uea.edu.br e de sua orientadora professora MSC. Francisca Keila de Freitas Amoedo com endereço profissional no Centro de Estudos Superiores de Parintins, sito a Estrada Odovaldo Novo, s/nº - Dejard Vieira, CEP 69152-470 - Parintins/AM, telefone: (92) 3533-6630, email: keilaamoedo@hotmail.com.

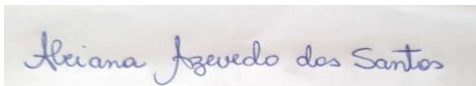
Com essa pesquisa, pretendemos analisar como ocorre o desenvolvimento da criança síndrome de Down através das atividades híbridas em tempo de pandemia.” Para atingir o nosso objetivo, faremos a entrevista semiestruturada. Pedimos seu consentimento para que sejam registros por meio de fotografias. Informamos que o conteúdo constituirá objeto de análise desse estudo, podendo ser citado no TCC, de acordo com suas necessidades científicas.

O (a) senhor(a) pode se recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar se justificar e, pelo fato de desejar sair da pesquisa, não terá qualquer prejuízo. O(a) senhora(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração porque o custeio da pesquisa será de total responsabilidade da pesquisadora. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo mantida em sigilo.

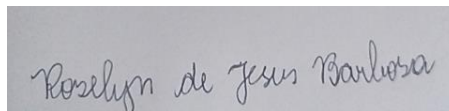
Consentimento Pós-Informação

Eu,  , tendo sido informado(a) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo da referida pesquisa, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. Este documento será emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo (a) pesquisador (a), ficando uma via com cada um de nós.

Parintins, 19 de junho de 2021



Assinatura do participante



Pesquisador (a)

APÊNDICE “D”
ROTEIRO DE ENTREVISTA

Caro (a) responsável você está sendo convidada a participar do desenvolvimento desta entrevista, cujo objetivo é analisar **como ocorre o desenvolvimento da criança síndrome de Down através das atividades híbridas em tempo de pandemia**

Identificação

Nome: Alciana Azevedo dos Santos

Idade: 44 anos

Gênero: Feminino

Formação acadêmica: Biblioteconomia

1. Qual o nome e idade dos pais da criança Síndrome de Down?
2. Qual é o nível de escolaridade?
3. Qual a importância da escola regular para o desenvolvimento de seu filho Síndrome de Down?
4. Quais foram os desafios enfrentados pelos senhores no período da pandemia longe da escola?
5. Como avaliam o trabalho da escola no período das aulas remotas?
6. Como estão avaliando esse retorno de forma híbrida?

Obrigada pela sua colaboração!